



LÁGRIMAS, SANGUE, LEITE, SUOR, SALIVA E SÊMEN: FLUIDOS DO CORPO NEGRO QUE MOVEM O MOTOR CHAMADO BRASIL

Daniel Machado da Conceição¹
<http://orcid.org/0000-0002-6065-6656>

RESUMO

O texto apresenta reflexões oriundas de estudos sobre relações raciais e racialização desenvolvidos na última década pelo autor. O método histórico foi utilizado em uma pesquisa de caráter exploratório que identifica representações do corpo negro na sociedade brasileira. O objetivo foi perceber os fluidos produzidos por esse corpo - sangue, suor, lágrima, leite, saliva e sêmen - os quais contam a história de uma diáspora. A analogia do país como um motor será empregada para dar significado aos fluidos do corpo negro, utilizados para mover as engrenagens do desenvolvimento brasileiro. O resultado permite desvelar, a partir desses fluidos, um processo estrutural que se perpetua com o tempo, ganhando sempre novos sentidos e ressignificações. Os fluidos, portanto, expressam um lugar na hierarquia social atribuído à população negra no Brasil.

Palavras-chave: Corpo negro; Escravidão; Fluidos; Racismo.

TEARS, BLOOD, MILK, SWEAT, SPITTLE AND SEMEN: BLACK BODY FLUIDS THAT MOVE THE ENGINE CALLED BRAZIL

ABSTRACT

The text presents reflections from studies on racial relations and racialization developed in the last decade by the author. The historical method was used in an exploratory research that identifies representations of the black body in Brazilian society. The objective was to understand the fluids produced by this body - blood, sweat, tears, milk, saliva and semen - which tell the story of a diaspora. The analogy of the country as an engine will be used to give meaning to the fluids of the black body, used to move the gears of Brazilian development. The result reveals, from these fluids, a structural process that is perpetuated over time, always gaining new meanings and resignifications. Fluids, therefore, express a place in the social hierarchy attributed to the black population in Brazil.

Keywords: Black body; Enslavement; Fluids; Racism.

LÁGRIMAS, SANGRE, LECHE, SUDOR, SALIVA Y SEMEN: FLUIDOS DEL CUERPO NEGRO QUE MUEVEN EL MOTOR LLAMADO BRASIL

RESUMEN

El texto presenta reflexiones a partir de los estudios sobre relaciones raciales y racialización desarrollados en la última década por el autor. El método histórico fue utilizado en una investigación exploratoria que identifica representaciones del cuerpo negro en la sociedad brasileña. El objetivo era comprender los fluidos producidos por este cuerpo -sangre, sudor, lágrimas, leche, saliva y semen- que cuentan la historia de una diáspora. La analogía del país como motor será utilizada para dar sentido a

1 Doutor (2021) e Mestre (2015) em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Possui graduação em Ciências Sociais - Licenciatura (2013) e Bacharelado (2014) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é Professor de História no Ensino Fundamental anos finais na rede municipal de Florianópolis/SC. Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (NEPESC), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: <danielmdac1@gmail.com>.

los fluidos del cuerpo negro, utilizados para mover los engranajes del desarrollo brasileño. El resultado revela, a partir de esos fluidos, un proceso estructural que se perpetúa en el tiempo, ganando siempre nuevos significados y resignificaciones. Los fluidos, por lo tanto, expresan un lugar en la jerarquía social atribuida a la población negra en Brasil.

Palabras-clave: Cuerpo negro; Esclavitud; Fluidos; Racismo.

INTRODUÇÃO

Na graduação em Ciências Sociais, os novos conhecimentos adquiridos servem como lentes para observar a realidade social. Disciplinas com conteúdo formativo que pouco a pouco desvelam as relações sociais e os jogos de sociedade. Para um estudante negro que acessou a universidade por meio das políticas de ações afirmativas, participar, em 2011, da disciplina de Estudos Afro-brasileiros, ministrada pela Professora Dra. Ilka Boaventura Leite, na Universidade Federal de Santa Catarina, foi uma oportunidade para desconstruir a história dos vencedores, aprendendo sobre a ancestralidade invisibilizada e por diversas vezes negada.

Muitas reflexões surgiram das leituras e debates em sala de aula, o que despertou interesse sobre o corpo negro, sua representação no social. Portanto, o texto é fruto de uma pesquisa bibliográfica e de ponderações que se iniciaram na graduação em Ciências Sociais e que fazem parte do itinerário formativo de um pesquisador que descobriu o seu racismo ao compreender os significados do corpo negro.

Após a conclusão da graduação, continuei estudando sobre as relações raciais, o que permitiu receber convites para realizar apresentações em escolas e outros espaços de formação de jovens. Em 2018, ao contribuir com a Semana da Consciência Negra², da Escola Estadual Básica Irmã Maria Teresa, no município de Palhoça, Santa Catarina, o primeiro esboço deste texto foi apresentado aos estudantes do Ensino Médio.

Novas reflexões foram acrescentadas ao texto, a partir de leituras e estudos sobre esporte e racismo, especificamente a racialização em determinadas modalidades esportivas, e também sobre a implementação da Lei 11.645/2008, que estabeleceu as diretrizes e bases

² Professor Fábio Felipe Daniel, docente das disciplinas de História e Sociologia no Ensino Médio, é um dos coordenadores da atividade. Antes da pandemia da COVID-19, participei três anos consecutivos, junto a outros colegas pesquisadores externos à escola, da organização da referida semana, contribuindo para a organização e elaboração dos temas.

para incluir no currículo da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, chamada de Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER).

O texto é resultado de uma pesquisa exploratória, utiliza o método histórico, que, de acordo com Lakatos e Marconi (2001, p. 107), permite perceber fatos e acontecimentos “apoiando-se em um tempo, mesmo que artificialmente reconstruído, que assegura a percepção da continuidade e do entrelaçamento dos fenômenos”.

O corpo negro é atravessado por valores sociais e representações sobre o seu lugar no espaço social. Quando falamos sobre o corpo negro precisamos destacar a violência que percorre cada curva de seu delineamento. Jurandir F. Costa, na apresentação do livro *Tornar-se Negro* (CARNEIRO, 1999), aponta uma dupla injunção de violências sobre o corpo negro. A primeira encarna o corpo e os ideais de ego do sujeito branco, e a segunda significa a recusa, a negação e a anulação da presença do corpo negro. Já Mbembe (2018) descreve o negro como uma figura paradoxal que contempla três perdas:

Em primeiro lugar, no contexto da *plantation*, a humanidade do escravo aparece como uma sombra personificada. De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de estatuto político. Essa tripla perda equivale a uma dominação absoluta, uma alienação de nascença e uma morte social (que é expulsão fora da humanidade) (MBEMBE, 2018, p. 27).

O corpo negro reduzido à semelhança de uma máquina é uma engrenagem que, para manter seu funcionamento, necessita de fluidos para lubrificar suas peças. Os fluidos do corpo negro são as suas secreções, o produto de um corpo atacado e sujeitado a diversas violências. Os líquidos produzidos como resultado de variados estímulos são o objeto deste texto ensaístico. Pretendemos discutir como as lágrimas, o sangue, o leite, o suor, a saliva e o sêmen podem ser marcadores de uma situação relacionada ao trabalho escravo, mas que, além disso, carregam uma posição social e valores culturais que escapam ao imaginário de uma suposta democracia racial. O poema *Navio Negroiro*³, de Castro Alves, em suas linhas, sintetiza parte do que almejamos apresentar: uma imagem dos fluidos do corpo negro que se

3 Versão on-line, disponível em:

<<http://biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://biblio.com.br/conteudo/CastroAlves/navionegroiro.htm>>.

Acesso em 23 de jul. 2020.

esvaem na construção da narrativa e que representam o resultado de muitas ações que descrevem o social.

Em alguns momentos, o corpo negro parece ser celebrado e em outros se faz menosprezado. Quando apresentado fora dos espaços de maior privilégio, possui um preço menor que o de outros corpos, tal como acontece na letra da música *A carne*⁴, na voz de Elza Soares, em que o refrão ecoa as palavras “*a carne mais barata do mercado é a carne negra*”. Na primeira estrofe da letra ainda completa: “*Que vai de graça pro presídio / E para debaixo do plástico / Que vai de graça pro subemprego / E pros hospitais psiquiátricos*”.

As estatísticas confirmam que o sistema carcerário alberga majoritariamente negros; também as altas taxas de feminicídio de negras, de violência contra jovens negros das periferias, de desemprego entre negros, assim como a baixa representatividade de negros nos melhores postos de trabalho e os baixos salários são exemplos do racismo estrutural que se verifica no Brasil e que continua a fazer expelir, de maneira forçada, os fluidos de corpos negros.

A imagem do corpo negro mais uma vez ganha notoriedade; no entanto, como seus fluidos podem representar essa situação? As dores, tristezas, angústias, saudades, alegrias, prazeres, cansaços etc., percorrem um corpo que tem na cor uma marca que deveria ser respeitada em vez de menosprezada. O desafio deste texto ensaístico é construir um desvelamento a partir das secreções, isto é, dos fluidos de um corpo que sempre se apresentou vivo mesmo quando a única coisa que o mantinha nessa condição era o medo da morte ou o seu desejo de enfrentá-la. Nessa extremada decisão entre vida e morte, muitos preferiram morrer com honra, em vez de permanecer vivendo como escravos.

Esse corpo sempre foi considerado pelo colonizador como descolado de sua mente ou consciência, como se fossem dois entes distintos, estando um deles ausente. Podemos constatar que durante muito tempo foi negada, ou invisibilizada, a valorização da “cabeça” (mente e intelecto) no corpo negro. Em contrapartida, a sua estrutura física foi valorizada ou exaltada tanto para o “bem” como para o “mal”. Exemplo dessa situação está

4 Letra composta por Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette. A música compõe o álbum “Do Cóccix Até o Pescoço” (2002) da cantora Elza Soares.

na sua forma, na sua potência, na sua habilidade e destreza. Um corpo que, no fundo, é a expressão de uma condição, e seus fluidos revelam implicações culturais e ideológicas.

Queremos destacar os fluidos desse corpo, seu sangue, sua lágrima, seu suor, seu leite, sua saliva e seu sêmen, porque entendemos ter neles a história de uma diáspora. Esse corpo que muito sinaliza uma “negação” - o não reconhecimento - da cabeça, seu intelecto, é o mesmo corpo que precisa, na atualidade, de ser conquistado. Um outro e novo quilombo, um território, um espaço não mais voltado apenas para “refúgio” e proteção, no sentido de isolamento ou de “guetização”, mas sim um local de fortaleza como empoderamento. A negritude não só perpassa o corpo, a negritude é o próprio corpo negro; seus fluidos significam vida e morte e representam uma história a ser contada.

UM NOVO TERRITÓRIO PARA O CORPO NEGRO

A nação brasileira foi construída com grande esforço e empenho do seu povo. Tal eufemismo esconde atrocidades, explorações, genocídios, expropriação de terras e de corpos. O reconhecimento do ser humano foi esquecido em vias de um projeto colonizador e estruturador para o desenvolvimento de metrópoles e impérios que lideraram os avanços da era moderna. A principal característica dessa relação se baseou na exploração, seja ela de maneira ampla, retratada na retirada dos recursos naturais presentes na nova terra, ou na exploração dos corpos, os quais tiveram sua energia vital consumida.

A diáspora africana significa que corpos negros foram retirados de sua terra natal e levados contra sua vontade para outras regiões do mundo. As grandes navegações, a descoberta de outro continente a ser explorado e civilizado, encontraram na escravidão africana uma estratégia para seu povoamento e, acima de tudo, para a extração dos recursos naturais necessários à riqueza das nações dominantes.

Nas terras brasileiras a exploração não foi nada simples; colonizar um lugar desconhecido e já povoado foi um desafio em que a desconfiança e a violência encontraram morada. As populações indígenas foram as primeiras a ser afetadas, as quais tiveram sua liberdade colocada em risco. Somente após muita resistência é que essas populações originárias, não acostumadas à sujeição ao trabalho forçado e conhecedoras da geografia dos

territórios, tiveram vantagem sobre o colonizador. Os indígenas resistiram, promovendo constantes conflitos, embora também tenham sucumbido diante das enfermidades vindas do continente europeu. Por isso, foi necessário substituir a mão-de-obra indígena por um corpo (visto como uma máquina) mais resistente e eficiente: “Foi preciso substituí-lo [o indígena] pela energia moça, tesa, vigorosa do negro, este um verdadeiro contraste com o selvagem americano pela extroversão e vivacidade” (FREYRE, 2004, p. 229).

O incentivo à introdução do trabalho escravo negro surge como solução para o modelo produtivo da época. Os povos africanos viviam momentos conturbados, com situações de tensão e conflito entre os líderes de seus territórios, o que implicava no processo de escravização. Esse corpo entendido como mais uma mercadoria, um ativo na propriedade de muitos Senhores (expressão em referência ao período feudal), serviu como escravo, tendo consumidas as suas energias físicas (força, resistência, sexualidade etc.) e intelectuais (habilidades técnicas, artísticas, conhecimentos no manejo de plantas e animais etc.).

No livro *1808*, o historiador Laurentino Gomes escreve que “os escravos eram o motor das lavouras de algodão, fumo e cana-de-açúcar, e também das minas de ouro e prata que drenavam a riqueza para a metrópole” (2009, p. 124). Em outra passagem, complementa:

Os escravos realizavam todo tipo de trabalho manual. Entre outras atividades, eram barbeiros, sapateiros, moleques de recado, fazedores de cestas, vendedores de capim, refrescos, doces, pães de ló, angu e café. Também carregavam gente e mercadorias (GOMES, 2009, p. 148).

O poeta catarinense Cruz e Sousa (2020, p. 82), por sua vez, escreveu que “aqueles indivíduos cor de treva eram maquinados”.

Assim, podemos destacar que o corpo negro, após sua introdução no processo de colonização das novas terras, se fez presente como peça central para o desenvolvimento produtivo. O negro foi o grande povoador do território nacional durante toda a evolução histórica e social, mas foi tratado como propriedade e considerado um animal (MOURA, 1992). Como refere Holanda, “pode dizer-se que a presença do negro representou sempre fator obrigatório no desenvolvimento dos latifúndios coloniais” (1995, p. 48). Isto é, a população negra contribuiu para o desenvolvimento econômico do país; no entanto, não foi participante da divisão da riqueza, seja durante a exploração escrava, seja na exploração livre após a abolição.

No Brasil, atualmente, os veículos de informação em sua maioria pertencem a uma elite detentora do poder que é crente em sua suposta condição de superioridade. Esse fato reforça e confirma estereótipos que acabam por ser internalizados pelos membros da sociedade, os quais passam a aceitar como naturais algumas questões preconceituosas ou discriminatórias; inclusive, os próprios negros assumem o discurso que professa a ausência inata da capacidade de galgar posições de prestígio na estrutura social.

Durante o século XX, o debate foi intenso a respeito da questão racial⁵ e, por volta dos anos 50, os órgãos internacionais de maior reconhecimento deixaram de realizar apenas denúncias, para desenvolver pesquisas que objetivassem promover alterações no quadro discriminatório mundial.

O Brasil, uma nação ímpar onde as relações se dão de maneira distinta do restante do mundo, não ficou de fora; porém, não podemos fingir que as máscaras criadas e pintadas por uma nação carregada de pré-noções e senso comum, que acaba se tornando preconceituosa ao preconceito, esconde uma realidade cruel. Sérgio Buarque de Holanda frequentemente aparece como ícone dessa digressão. A expressão “democracia racial”, no Brasil, amenizou ou encontrou uma congruência no mito das três raças, indicando que uma situação ímpar se criou no desenvolvimento das relações entre brancos, negros e índios.

Esse escamoteamento das relações de exploração, centradas na perspectiva civilizadora do europeu sobre as outras duas raças, não ajudou o país a enfrentar seu passado nem a reconhecer seu processo histórico. Entretanto, uma questão é inegável: tal expressão também permitiu, em certa medida, a valorização do que foi encarado como um caráter degenerativo da nação: a mestiçagem. Se anteriormente a mestiçagem significava que a nação estava fadada ao fracasso, Sérgio Buarque de Holanda apresentava uma visão redentora, pois a singularidade do Brasil era alçada a um patamar de distinção positiva.

QUANDO FALAMOS DE ESTATÍSTICA

⁵ Sempre é importante ressaltar que a expressão raça é utilizada como categoria social. Na biologia, tal expressão não possui validade entre os seres humanos, no entanto, como categoria social tem implicações práticas na vida das pessoas e na distinção dos indivíduos. Ver: GUIMARÃES, 2003.

Tabela 01

Taxa de analfabetismo - 2016 (PNAD Contínua 2016)	
Branco	4,2%
Pretos e Pardos	9,9%

Fonte: Retratos a Revista do IBGE, nº 11, maio 2018, p. 17-18.

Tabela 02

Rendimento médio de todos os trabalhos (PNAD Contínua 2017)	
Branco	R\$ 2.814,00
Pardos	R\$ 1.606,00
Pretos	R\$ 1.570,00

Fonte: Retratos a Revista do IBGE, nº 11, maio 2018, p. 17-18.

Tabela 03

Taxa de desocupados (PNAD Contínua 4º trimestre 2017)	
Branco	9,5%
Pardos	14,5%
Pretos	13,6%

Fonte: Retratos a Revista do IBGE, nº 11, maio 2018, p. 17-18.

Tabela 04

Em 2016, 1.835 crianças de 5 a 7 anos trabalhavam (PNAD Contínua 2016)	
Branca	35,8%
Pretas e Pardas	63,8%

Fonte: Retratos a Revista do IBGE, nº 11, maio 2018, p. 17-18.

A presença do corpo negro na sociedade brasileira durante o período colonial, imperial e republicano esteve relegada a um lugar de menor expressão na estrutura social. O trabalho de caráter servil, executado supostamente pelos menos escolarizados e instruídos, serviu para distinguir grupos sociais. O corpo negro foi reconhecido como de menor valor; a

ele foi atribuída uma condição servil e de degradação associada ao trabalho manual, definindo-se, assim, um lugar dentro da hierarquia social.

Nas condições iniciais da formação do nosso país, a desvalorização estética da cor negra, ou melhor, a associação desta cor ao feio, ao degradante, afigurava-se normal, na medida em que não havia, praticamente, pessoas pigmentadas senão em posições inferiores (RAMOS, 1995, p. 219).

O interesse dos exploradores, orientado pela esperança de riqueza, era expresso pelo desejo de conquistar uma vida ociosa e jocosa, e para sua perpetuação era necessário que a estrutura social fosse mantida com limitação à educação formal e aos títulos profissionais entre a população negra. Assim, os escravizados foram impedidos de ter acesso à escola e à instrução formal. Desse passado inglório durante a escravidão vemos seus resquícios, nos séculos XX e XXI, na baixa escolaridade, salários inferiores e frágil empregabilidade como consequência das altas taxas de desemprego: a população negra mantém índices alarmantes mesmo passados 130 anos da abolição da escravatura.

Como admitir, na atualidade, que a cada dez negros e pardos um é analfabeto, segundo a Pesquisa Nacional Amostra e Domicílio (PNAD) em 2016 (Tabela 01)? Nesta estatística não estão incluídos os analfabetos funcionais que iniciaram os estudos e posteriormente evadiram ou abandonaram a escola. Também não estão incluídos os que permanecem na escola em condições deficitárias, de estrutura familiar ou educacional, engrossando a taxa de analfabetismo funcional nas instituições de ensino.

A educação formal é um fator que pode influenciar positivamente e fazer com que as correntes do círculo de pobreza e miséria sejam superadas. No entanto, a Tabela 04 nos mostra que, ainda em 2016, 63% das crianças que trabalhavam, entre os 5 e os 7 anos, eram pretas e pardas. Ao falarmos de trabalho infantil estamos, assim, descrevendo diretamente a situação de vulnerabilidade em que as famílias ainda vivem.

Podemos perceber que os corpos negros e pardos continuam ocupando espaços não só de menor expressão, mas também de subserviência, exploração e luta pela subsistência. Na década de 1950, Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni realizaram uma ampla pesquisa na região sul do país, especificamente em Florianópolis, e afirmaram que:

[...] ainda hoje as oportunidades ocupacionais da mão-de-obra negra se concentram em torno de atividades nas quais os escravos se especializaram (serviços domésticos e atividades braçais em geral), o que confirma nossa

interpretação de que a posição do grupo negro na estrutura profissional do presente é bastante similar à do passado (CARDOSO & IANNI, 1960, p. 113).

A conclusão apresentada pelos sociólogos pode, nesse caso, avançar 70 anos e, infelizmente, constataremos que a mobilidade social da população negra continua lenta, travada por inúmeras barreiras sociais e culturais. Avanços foram realizados, mas não possibilitaram uma mudança sistemática e estrutural da realidade. Os fluidos do corpo negro ainda são representativos de sua condição social.

Na Tabela 02 podemos observar o rendimento médio salarial dos trabalhadores e constatar que pardos e negros possuem renda menor que a população branca. Na Tabela 03 temos a taxa de desocupação, que demonstra a população branca com a menor taxa. A partir destas constatações podemos perceber que o trabalho negro é menos valorizado; em outras palavras, que o suor negro continua não tendo grande reconhecimento.

OS FLUIDOS CONTAM A HISTÓRIA

Interessante pensar que a casa-grande⁶ sempre significou descentralização do poder político e centralidade do modelo patriarcal. O modelo social da sociedade brasileira pós-escravidão ainda perpetua as relações vivenciadas nesse microcosmo escravocrata. As presenças da família, do patriarcado, da religião e de pessoas escravizadas deram surgimento a inúmeras posições sociais que movimentaram uma engrenagem complexa, mantida à base de muita violência. Gilberto Freyre, ao descrever a estrutura física da casa-grande, nos permite realizar uma analogia a partir de uma ponderação: “O suor e às vezes o sangue dos negros foi o óleo que mais do que o de baleia ajudou a dar aos alicerces das casas-grandes sua consistência quase de fortaleza” (FREYRE, 2004, p. 38).

Os fluidos do corpo negro foram elementos importantes para aglutinar o cimento social e econômico do país através dos séculos. Essa afirmativa pode parecer prepotente,

⁶ A casa-grande representa um microcosmo, suas dependências centralizam não só as atividades administrativas de uma fazenda ou moradia do seu proprietário. O poder patriarcal do senhor de escravos é definido pela expressão casa-grande, significa o controle dos espaços de moradia, trabalho e adoração (religião). A partir da casa-grande, o poder econômico, político e patriarcal do senhor governa a vida das pessoas em sua fazenda e da população em sua região, criando uma dependência dos mandos e desmandos do poderoso.

entretanto, ainda hoje os fluidos desse corpo aglutinam inúmeros materiais que compõem o concreto que molda as estruturas sociais da nação. Por essa razão, a cultura europeia, que procurava ser hegemônica, não foi processada no puro sentido da europeização: “Em vez de dura e seca, rangendo do esforço de adaptar-se a condições inteiramente estranhas, a cultura europeia se pôs em contato com a indígena, amaciada pelo óleo da mediação africana” (FREYRE, 2004, p. 115). Dessa maneira, assimilações e sincretismos se tornaram evidentes em razão da força cultural africana, a qual promoveu rupturas no modelo civilizatório europeu e ressignificou processos em uma nova terra.

Mais uma vez, a analogia do fluido percorre a observação, o óleo cultural que azeitou as engrenagens da máquina Brasil; sua densidade foi extraída ou expelida por um corpo que, com parcial exceção do poder político, foi protagonista das mais diversas atividades – produtivas, culturais, econômicas, linguísticas, alimentícias etc.

Fanon (2008, p. 179) destaca que “o sangue do preto é um adubo estimado pelos especialistas”; assim, nos permitimos fazer uma anedota com o sangue azul e civilizado dos nobres. O sangue da população negra sempre foi vermelho e jorrou colorindo a terra. Um sangue semelhante ao do explorador que veio em busca de fortuna, porém, o fluido negro banhou a terra natal, tingiu os mares de vermelho e continuou a marcar a nova terra por meio de castigos, revoltas, rebeliões e mortes.

Entre os muitos instrumentos de tortura utilizados durante a escravidão, o tronco e o pelourinho são os mais exemplares na formação de uma consciência coletiva e de controle social. Eles foram construídos para fazer jorrar o vermelho com o chicote, exaltando que esse corpo só era controlado ou dominado à base do suplício dos castigos. O tronco representa o espaço privado e o pelourinho, o espaço público, indicando o grau de punição e exibição do corpo, servindo de exemplo para manter o terror e o temor aos senhores de escravos:

Os instrumentos de suplício mais utilizados eram o tronco e o pelourinho, locais de aplicação das penas de açoites. O primeiro era um lugar privado, os castigos ocorriam na propriedade do senhor, o segundo um lugar público para que servisse de exemplo, ambos simbolizavam a Justiça Privada e Justiça Pública (MOURA, 1992, p. 18).

A justiça privada e a justiça pública adotaram o mesmo método para controle e legitimação do seu poder sobre o corpo do outro, negro. Por não serem distintas, a moral da

violência foi naturalizada e até mesmo espetacularizada. A chibata lacerou o corpo que expeliu rotineiramente seu fluido vermelho. Os castigos físicos eram comuns e as penalidades, naturalizadas, dependendo até mesmo do humor dos senhores:

Alguém não habituado à vida escravista ficaria surpreso em ver com que maravilhosa facilidade um senhor de escravos encontra justificativas para surrar um escravo. Por simples palavra, um olhar, um movimento – um erro, acidente ou ato de rebeldia –, um escravo poderia ser açoitado por tudo isso a qualquer momento (DOUGLASS, 2021, p. 86).

O trabalho exaustivo, perigoso e insalubre também lacerou e vitimou corpos que banharam produtos e mercadorias que significaram a riqueza tingida com tom vermelho. As perseguições aos negros fugidos ou as rebeliões em busca de liberdade indicam o quanto a terra foi banhada de sangue.

O sangue negro foi o principal motivo para estimular políticas eugenistas que objetivaram um projeto político de branqueamento do Brasil por meio do incentivo à imigração europeia. A limpeza de sangue (STOLKE, 2015), durante a colônia, utilizou a biologia e a religião para justificar a degenerescência do sangue negro. A necessidade que se impunha era a preservação das mulheres brancas como receptáculo para a perpetuação da pureza do sangue sem contaminação.

No Império e primeiras décadas da República, desejava-se extirpar o sangue negro da sociedade brasileira como uma política de Estado. Os valores científicos (evolucionismo social e cultural) e religiosos (pureza de sangue e religiosidade) da época atrelaram incivilidade a uma suposta impureza contida no sangue negro. Sua disseminação significaria uma contaminação da população branca. Estamos falando de uma política implantada há um século e que ainda causa sofrimento para a população negra devido à sedimentação de sua carga ideológica. Conforme Matos (2018, p. 285), “o apogeu das teorias raciais (e racistas) ocorre no século XIX e inícios do século XX, até ao fim da Segunda Guerra Mundial, e a estas passam a estar associadas várias tentativas de relacionar os corpos com o comportamento”.

No entanto, é no mesmo período que uma virada quanto ao entendimento sobre a mestiçagem pode ser observada. Nas primeiras décadas do século XX, a mestiçagem era considerada degenerativa, mas, posteriormente, passou a significar um diferencial, pois a “combinação”, resultado do contato entre as raças, tornou-se um potencial: “Foi nos anos

1930 que o mestiço se transformou definitivamente em ícone nacional, em um símbolo de nossa identidade cruzada no sangue, sincrética na cultura, isto é, no samba, na capoeira, no candomblé, na comida e no futebol” (SCHWARCZ, 2012, p. 24).

O sangue negro também foi contaminado por doenças sexualmente transmissíveis durante o período escravista, a principal delas, a sífilis. Ao pensarmos os desafios atuais da população negra, não se pode deixar de perceber que o sangue negro continua a manchar, agora as calçadas e ruas pavimentadas das cidades modernas.

O índice de morte dos jovens pretos e pardos no Brasil é muito superior ao de jovens brancos. No Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020⁷ encontramos a informação de que 74,4% das vítimas da violência letal são negras (conforme o perfil da ocorrência, os números são: latrocínios 55,8%; policiais assassinados 65,1%; e vítimas de intervenção policial 79,1%). Da mesma forma, os acidentes de trabalho atingem mais a população negra; e quando falamos em mortalidade materna⁸, 60% das mulheres são negras. Isso quer dizer que as mães negras não recebem o cuidado adequado, como mostra a publicação do Ministério da Saúde em 2017, intitulada Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, uma política para o SUS (BRASIL, 2017), que reuniu dados de 2012, afirmando que 90% dos óbitos poderiam ser evitados por ações diretas dos serviços de saúde, isto é, melhor atendimento e atenção ao corpo negro.

Se, no período da industrialização europeia e com a ética protestante, o suor recebeu o sentido valorativo de resultado do mérito pessoal exemplificado no registro bíblico “do suor do teu rosto comerás o teu pão⁹”, durante a escravidão, no entanto, o suor simbolizava mau odor, trabalho forçado, falta de intelecto ou de habilidades com menor qualificação, atribuindo-se a ele a subalternidade. Representado no esforço do trabalho primordialmente de caráter físico, o suor, então, era:

Questão de constituição psicológica, como pretende McDougall. E fisiológica também, através da capacidade do negro de transpirar por todo o corpo e não apenas pelos sovacos. De transpirar como se de todo ele manasse um

⁷ Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>.

⁸ Mulheres negras são 60% das mães mortas durante partos no SUS, diz Ministério. Disponível em: https://oglobo.globo.com/sociedade/mulheres-negras-sao-60-das-maes-mortas-durante-partos-no-sus-diz-ministerio-14655707?fbclid=IwAR1UTbBU5e5mpL_6YfLNjUY0SxZqCUOJIsYb-pwEemTIFgdiaJQEk7qW6kk.

Acesso em: 23 de maio 2019.

⁹ Gênesis 3:19. Disponível em: <https://www.churchofjesuschrist.org/study/scriptures/ot/gen/3?lang=por>. Acesso em: 06 de Abr. 2022.

óleo, e não apenas escorressem pingos isolados de suor, como do branco. O que se explica por uma superfície máxima de evaporação no negro, mínima no branco (FREYRE, 2004, p. 370).

O trabalho escravo foi realizado das mais diversas maneiras; entre elas, a que se tornou notória por sua particularidade foi chamada “negro de ganho”: pequenos artesãos ou comerciantes que compravam negros e eram treinados nos mais diversos ofícios. Esses escravos podiam perambular pela cidade oferecendo seus serviços. No final do dia, repassavam todo, ou parcialmente, seu rendimento obtido, como prestação de serviço. Mais uma forma de escravidão que garantia os negros ocupados e rendimento aos seus proprietários.

Outra forma de escravidão que se desenvolveu, paralela ao trabalho de aluguel, foi o sistema de ganho. Eram aqueles escravos que, após fazerem o trabalho na casa de seus donos regulares, iam para as ruas em busca de atividade suplementar. Vendiam seu trabalho de forma avulsa, a diversos clientes, oferecendo serviços que poderiam durar um dia ou mesmo algumas horas. Era um sistema tão popular que existiam até casas de comércio especializadas no aluguel de escravos. Os escravos de ganho faziam de tudo: iam às compras, buscavam água, removiam o lixo, levavam e traziam recados e serviam de acompanhantes para as mulheres quando iam à igreja (GOMES, 2009, p. 221).

Com o tempo, e ainda durante o período escravocrata, alguns negros conseguiram juntar dinheiro suficiente para comprar a sua alforria, enquanto outros continuaram sendo explorados por toda a sua vida, contribuindo para manter os privilégios dos “pequenos burgueses”.

A força de trabalho negra foi empregada de maneira sistemática no serviço pesado, bem como na arte e no ensino. O suor representa o cansaço, o desejo de liberdade, a vida nas regiões de clima quente, a dança, a capoeira etc.

Em 1887, o autor de um texto abolicionista criticou o tratamento dado aos imigrantes europeus, comparativamente com o dado aos negros e, para destacar a importância do trabalho realizado pela população negra, utilizou como exemplo o seu suor:

Concedemos ao imigrante todos os favores possíveis: passagens nos vapores e no trem de ferro gratuitamente, hospedaria, alimentação, subsídio em dinheiro, abono de mantimento, terreno barato e a crédito.
Ao brasileiro [negro], que regou a terra com seu suor, que arrancou dessas florestas o ouro que representa a riqueza nacional, não se concede nada;

considera-se como réprobo, porque quer reaver a liberdade que se lhe roubou (AZEVEDO, 1987, p. 233).

No período atual, o suor parece continuar a representar inúmeros preconceitos que remetem à higiene do corpo negro, aos trabalhos precários e de baixa qualidade, a um contingente populacional que facilmente pode ser identificado como desempenhando ainda atividades profissionais reconhecidas como subalternas. No entanto, a mesma analogia pode ser aplicada para identificar o esforço e a dedicação de inúmeras figuras, homens e mulheres, que integram ou não o movimento negro, muitos anônimos, e que lutam constantemente pela conquista e reconhecimento de direitos. O suor, enquanto símbolo do esforço e da exaustão, representa a dedicação na busca pela manutenção da vida e da subsistência, remete ao empenho de inúmeras personalidades anônimas, ou famosas, que buscam a transformação da realidade.

Quando pensamos em lágrimas, podemos lembrar sobre a dor da separação que negros e negras enfrentaram ao deixar à força a sua terra natal e o seu grupo familiar ou cultural. Lágrimas em meio a uma diáspora, que em muitos casos não respeitou nem o seu direito à vida.

A tristeza melancólica é cantada nas canções, é o pesar pela dor do igual que sofre com castigos provenientes de mandos e desmandos. A música expressa sentimentos, pensamentos, e, quando entoada por muitos indivíduos, serve de acolhida sem a necessidade do contato físico: “Quando estão profundamente infelizes é que os escravos cantam mais. As canções representam as tristezas de seu coração, e eles sentem alívio ao cantá-las, como um coração que sofre e é aliviado pelas lágrimas” (DOUGLASS, 2021, p. 30). Pode ser também o choro da dor causada por enfermidades, pela violência sexual, pela perda de familiares em razão da fome, da sede etc. São lágrimas que indicam tristeza e angústia, mas que em alguns casos significaram a alegria da alforria e um encontro com a liberdade, mesmo em fuga.

No Brasil, a população negra ainda chora com a falta de perspectiva internalizada durante séculos de história. Sofre ao ver suas crianças em precárias condições de saúde, seus jovens em instituições de ensino sucateadas; sofre com a precoce inserção das crianças no mercado de trabalho informal, com a falta de espaços públicos para lazer e a baixa

representatividade política. Lágrimas escorrem pelo rosto daquele que olha os altos índices de violência que envolvem jovens pretos e pardos.

No entanto, essas lágrimas também são de esperança e de alegria na escrita presente na Constituição Federal de 1988, e em outros dispositivos criados nos anos seguintes, como os relacionados com: antirracismo (Lei 7.716/1989), injúria racial (Lei 9.459/1997), inclusão no currículo escolar da história e cultura afro-brasileira (Lei 10.639/2003) e Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010). Também a política de ação afirmativa (Lei 12.711/2012) serve como dispositivo criado para reconhecer o direito de o corpo negro estar em espaços que podem proporcionar acesso à educação e, conseqüentemente, melhores postos de trabalho.

O fluido corporal seguinte foi utilizado para alimentar os filhos “bem-nascidos”: o leite. As negras, chamadas de amas-de-leite, cuidaram também de muitas crianças brancas, sendo esse cuidado, frequentemente, sua principal referência de afeto e educação. As mulheres negras cuidavam das crianças nos seus primeiros anos de vida, em boa parte da infância e até mesmo em sua adolescência. As muitas enfermidades e outros valores culturais delegavam a responsabilidade da criação a cuidadoras, eximindo os pais das famílias afortunadas de tal incumbência: “O menino brasileiro do tempo da escravidão foi criado inteiramente pelas mucamas. Raro o que não foi amamentado por negra. Que não aprendeu a falar mais com a escrava do que com o pai e a mãe” (FREYRE, 2004, p. 433).

Não podemos esquecer, ainda, que muitos negros, submetidos a castigos de fome e sede, contavam com a solidariedade das mulheres negras, as quais permitiam que se amamentassem às escondidas. Davam assim o que tinham de mais precioso, permitindo a manutenção de corpos negros exaustos e à mercê dos seus senhores.

A mulher negra escrava realizava o trabalho doméstico, era responsável por todos os afazeres na casa do seu senhor, não importando se no campo ou na cidade.

Nos sobrados urbanos encontravam-se as domésticas, cozinheiras, amas secas, amas-de-leite que limpavam, arrumavam, lavavam, engomavam e passavam roupa, cozinham, amamentavam e cuidavam das crianças. As escravas domésticas se encarregavam também de inúmeros afazeres fora das casas dos senhores. O serviço começava cedo, antes que os senhores acordassem, pois era preciso abastecer a casa de água potável, muitas vezes carregada das fontes públicas. Se pertencessem a senhores com dificuldade financeira, eram obrigadas a trabalhar em outras casas como alugadas (ALBUQUERQUE, 2006, p. 83).

No momento atual, as negras não são obrigadas a dar o seu leite para amamentar crianças ou adultos, mas, como símbolo de sua energia vital, continuam, em muitos casos, a cuidar da casa e dos filhos dos patrões como empregadas domésticas ou babás. Também a solidão da mulher negra é apontada em algumas pesquisas, que destacam a sua posição como chefe de família, assim como o alto índice de mães solteiras no Brasil.

Ribeiro (2019) nos alerta para a necessidade de refletir sobre a hierarquia social e profissional que coloca no topo homens brancos e depois mulheres brancas, homens negros e, por fim, mulheres negras. Para esse autor, mulheres brancas e homens negros ocupam o que ele chama de posição oscilante, isto é, encontram-se no centro da hierarquia e podem realizar certa mobilidade horizontal e até mesmo vertical, mas o status da mulher negra é o mais engessado, por fazer parte do grupo que se encontra em situação de maior vulnerabilidade.

Quando pensamos na saliva como fluido, também produzido pelo corpo negro, podemos lembrar do cansaço e da sede que resseca a boca. Outra lembrança é a saliva carregada de doença, escarrada na terra, ou o amargor azedo característico da alimentação imprópria. A saliva selou acordos e permitiu marcações no solo. Entretanto, também significou dor e castigo quando foram colocadas, à força, máscaras que serviam para impedir a alimentação durante o trabalho forçado, cumprindo-se assim o propósito de impor o medo e o silêncio (RIBEIRO, 2019). Tal silenciamento representou a dor de uma voz abafada que não foi ouvida em suas reivindicações. Ainda hoje essa voz encontra resistência ao reivindicar melhores condições e ao proferir alertas quanto ao lugar que ocupa na sociedade. Berth (2019, p. 57) afirma que “em razão da repulsa em dialogar abertamente sobre as opressões que estruturam nossa sociedade, deixamos de falar sobre elas ou falamos apenas o que é permitido”.

Após 133 anos da abolição da escravatura no Brasil, a voz negra bradou forte para vencer o silenciamento e conquistar alguns poucos espaços; porém, ainda não se faz representativa como direito e dever. A saliva parece espumar pela boca contendo uma ânsia pelo desejo de ter a voz ouvida. O reconhecimento do lugar de fala (RIBEIRO, 2019) expressa uma maior visibilidade no exercício de profissões com mais representatividade na sociedade. Não podemos esquecer que, ao revisitar a história do Brasil, é importante procurar por

autores e intelectuais negros e negras para permitir que também essas “vozes” e pensamentos possam ser ouvidos.

Outro fluido é o sêmen, que remete à hipersexualização do corpo negro. Primeiramente, as mulheres negras foram violentadas ou obrigadas a se prostituírem, também para o homem negro que, embora em menor grau, foi submetido a tratamento idêntico. No entanto, o corpo feminino acabou por ganhar protagonismo, uma vez que estava relacionado com a iniciação sexual do “patrãozinho” e com a satisfação pessoal do senhor. O corpo masculino recebeu a mesma valorização, mas com um sentido pejorativo. O corpo negro feminino, em termos de imaginário, adquiriu o rótulo de incansável, “fugoso” e com curvas que estimulavam o ato sexual. O corpo negro masculino, por sua vez, recebeu o mesmo destaque em termos de potência sexual, mas foi representado como violento, insaciável e “bem-dotado”. “A alegada potência do homem negro sugere que ele é uma besta sexual, sendo então um parceiro inadequado” (MOREIRA, 2019).

Tal narrativa foi contada para assustar as “frágeis” donzelas que desejavam ter relacionamento afetivo-sexual com escravos, mas que precisavam resguardar o seu receptáculo (ventre) para permitir a transmissão da pureza de sangue. Esta situação não impedia, porém, que as senhoras se “beneficiassem” dos supostos “favores” do corpo negro por meio da exploração sexual. Freyre (2004, p. 422) destaca que “verificam-se, é certo, casos de irregularidades sexuais entre sinhá-donas e escravos”. O resultado, no entanto, para o corpo negro quando descoberta essa ação era mutilação e morte.

As senhoras também abusavam e violentavam o corpo negro, assim como os senhores que estupravam as mulheres negras. Além de escravos e escravas sexuais, o estímulo sexual ou libertino que podia ser observado nas senzalas tinha um motivo: a reprodução: “O que mais se queria era que os ventres das mulheres gerassem. Que as negras produzissem moleques” (FREYRE, 2004, p. 399). As mulheres negras eram preteridas pela sua idade e fertilidade, sendo vistas como simples matrizes reprodutoras:

Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram ‘reprodutoras’ – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar (DAVIS, 2016, p. 19).

Dessa maneira, tratados como animais comparados a um rebanho, um ativo patrimonial, cada nascimento significava incremento no capital do senhor. Daí sua importância e alto valor comercial, como observado: “Joaquim Nabuco colheu em um manifesto escravocrata de fazendeiros as seguintes palavras, tão ricas de significação: a parte mais produtiva da propriedade escrava é o ventre gerador” (FREYRE, 2004, p. 399). No entanto, esse não era um fato específico da casa-grande, pois em Portugal as famílias já seguiam essa prática, como foi relatado por Freyre ao parafrasear Clenardo:

[...] Os mais ricos têm escravos de ambos os sexos e há indivíduos que fazem bons lucros com a venda de escravos novos, nascidos em casa. Chega-me a parecer que os criam como quem cria pombas, para vender, sem que se ofendam com as ribaldias das escravas (FREYRE, 2004, p. 318).

FLUIDOS DE UMA CARNE BARATA

A metáfora da potência energética indicada nos fluidos parece ser pertinente para pensar o significado social e histórico de uma diáspora brutal que invisibilizou boa parte das relações e tensões que nela existiram. Recordar e aplicar ressignificações pode permitir a construção de uma identidade, isto é, no caso do corpo negro, um reencontro com um espaço expropriado.

“O empoderamento é um processo e não o fim em si mesmo”, como alerta Berth (2019, p. 71). Logo, o conhecimento é essencial para o processo de emancipação. Conhecer as ações históricas a partir dos fluidos do corpo negro nos permite vislumbrar que enfrentamos desafios que não devem ser colocados em condição anacrônica, mas não podemos negar que tais secreções parecem guardar a representação de um passado.

Os fluidos do corpo negro contam uma história de exploração e expropriação que deve ser lembrada para elevar o debate que permita uma maior transformação social. Portanto, a valorização do corpo negro passa pelos líquidos e secreções que dele emanam, azeitando as engrenagens sociais, culturais e econômicas de um país que hesita em conhecer sua própria história. Dessa maneira, podemos perceber que “continuamos marginalizados na sociedade brasileira que nos discrimina, esmaga e empurra ao desemprego, subemprego, à marginalidade, negando-nos o direito à educação, à saúde e a moradia decente” (GONZALEZ, 2020, p. 302).

Podemos identificar que, no Brasil, o corpo negro sempre esteve em condição de vulnerabilidade. Seus fluidos, como o sangue, o suor, a lágrima, o leite, a saliva e o sêmen, permitem compreender a posição social atribuída a uma população que tem suas secreções sugadas para manutenção do motor do desenvolvimento brasileiro – lembrando que seus corpos não importam, apenas a energia que podem produzir. Por essa razão, ao analisar seus fluidos, destacamos um caráter de grande significação para desvelar um processo estrutural que se perpetua com o tempo, ganhando sempre novos sentidos e ressignificações.

REFERÊNCIAS

A CARNE. Intérprete Elza soares. Compositor Seu Jorge; Marcelo Yuca; Wilson Capellette. In: _____. **Do cóccix até o pescoço**. Intérprete Elza Soares. Salvador: Maianga, 2002. CD single, (3:39)

ALBUQUERQUE, W. R. de. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

AZEVEDO, C. M. M. de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites - século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: uma política para o SUS**. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. 3. ed., Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra_3d.pdf

CARDOSO, F. H.; IANNI, O. **Cor e mobilidade social em Florianópolis: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade do Brasil meridional**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

CARNEIRO, M. L. T. **O racismo na história do Brasil: mito e realidade**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOUGLASS, Frederick. **Relato da vida de Frederick Douglass, um escravo americano**. Jandira, São Paulo: Principis, 2021.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

Anuário brasileiro de segurança pública 2020. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Ano 14, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>**Erro! A referência de hiperlink não é válida.**

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2004.

GOMES, L. **1808**: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2009.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUIMARÃES, A. S. A. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, no.1, jan./jun. 2003. p. 93-107.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAKATOS, E.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

MATOS, P. F. de. "Raça", miscigenação e preconceito: Desafios actuais perante a evolução do pensamento social (e racial e nacional) brasileiro, **Portuguese Studies Review**, 2018, v. 26, no. 1, p. 273-298.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MOREIRA, A., **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

MOURA, C. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

RAMOS, A. G. Patologia social do "branco" brasileiro. In: _____. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SCHWARCZ, L. M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SOUSA, C. e. **Negro**. Florianópolis: Caminho de Dentro, 2020.

STOLKE, V. O enigma das intersecções: classe, “raça”, sexo e sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. In: _____. (ORG.) GROSSI, Miriam P.; GARCIA, Olga R. Z.; MAGRINI, Pedro R. **Especialização EaD em gênero e diversidade na escola** – Livro IV – Módulo IV. Tubarão/SC: Copiart, 2015.

Revisão gramatical por: Diane Southier

E-mail: diane.southier@gmail.com

RECEBIDO 06 DE MAIO DE 2022.

APROVADO EM 20 DE JUNHO DE 2022.